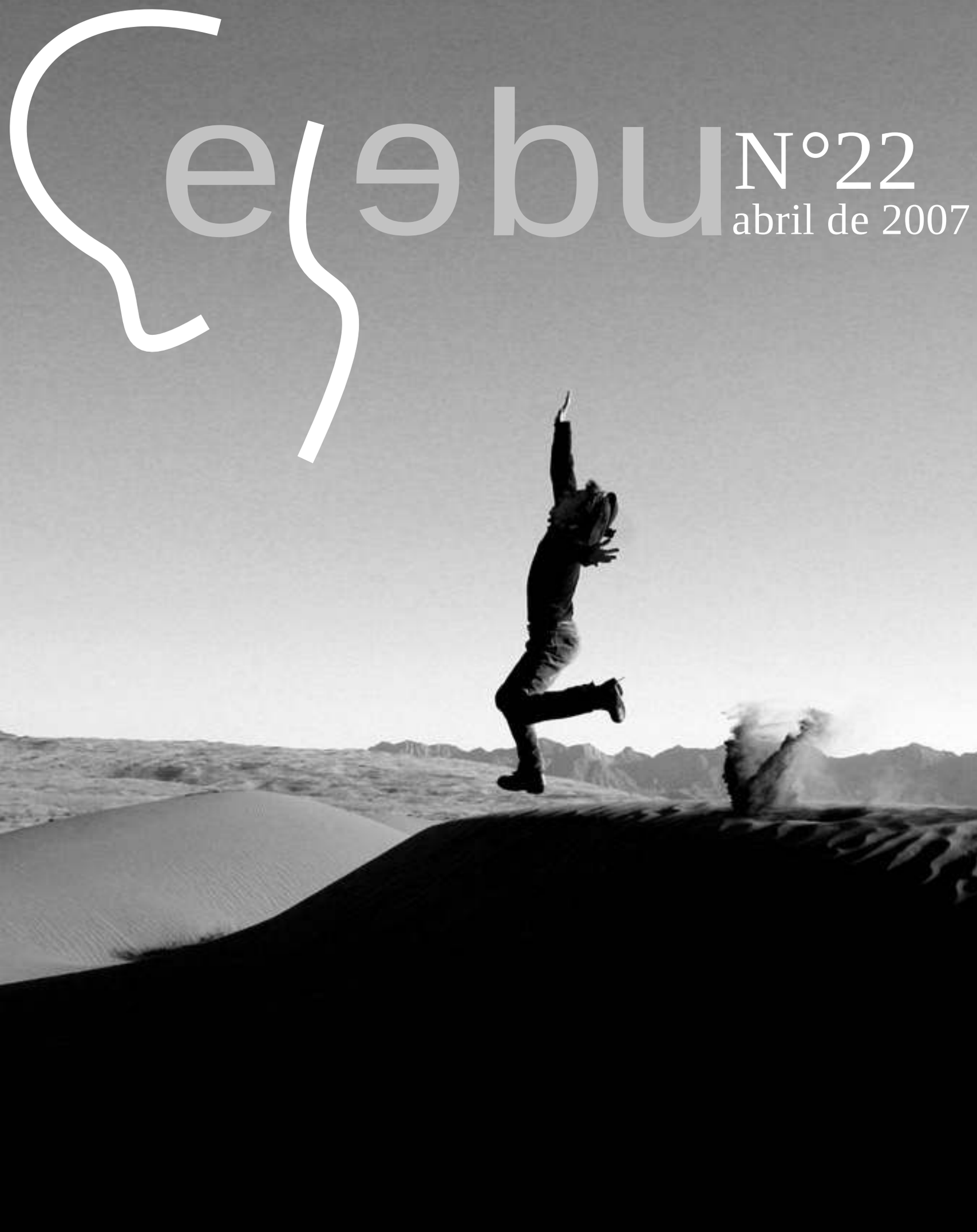
Cebu

N°22
abril de 2007



Vou aproveitar a deixa que muitos jornalistas são assunto de boa parte das matérias dessa edição para falar do "nosso" mais novo ministro das Comunicações, Franklin Martins.

Apenas para fazer um breve resumo, o senhor Martins é jornalista com 40 anos de carreira que já fez de tudo, falou sobre tudo, trabalhou em todas as mídias possíveis, ocupou dezenas de cargos e funções diferentes. Ele também foi um dos fortes nomes ligados à imprensa estudantil e sindical, além de ter passado anos, durante o regime militar, escrevendo em jornais clandestinos. Numa época mais recente, foi o comentarista político mais articulado da Rede Globo e CBN, além de ser o diretor geral da sucursal da emissora de TV em Brasília.

Antes mesmo de ser nomeado ministro, já acompanhava a trajetória de Franklin Martins com certo interesse. Via esse moço no Jornal Nacional, com seus comentários "acima de qualquer suspeita" que abrandavam e minimizavam a maior crise do governo Lula. Aquilo me irritava profundamente. Parte porque a minha posição contra o presidente e seu partido é muito clara, e parte porque sempre acreditei que, não importa o partido que está no poder, o bom jornalista político deve ser oposição a vida inteira.

Franklin Martins saiu da Globo, por coincidência ou não, uma semana após a publicação da coluna do Mainardi que o ligava ao Palácio do Planalto, onde parentes seus estariam sendo beneficiados (denúncias que foram comprovadas, inclusive). Aliás, não existe prova maior de seu envolvimento com Lula do que a própria nomeação como ministro.

O fato foi recebido com festa por alguns, em especial os jornalistas da velha guarda (em especial a famosa geração de 68), como o respeitável Roberto Benevides. "Nosso homem de Brasília" foi um título que "Benê" usou numa entrevista com o próprio. Já outros, os que não tem o rabo preso com a esquerda (e nem com a direita), entenderam isso como um problema sério. Franklin Martins deve mesmo ser o cara que pode concretizar a existência de uma imprensa oficial forte, e fazer com que se instituam instrumentos de controle às demais. Pelo menos esse é o ideal de qualquer governo com a bandeira vermelha: imprensa amordaçada, e forte controle ideológico. Exagero? Não, é apenas um fato histórico.

Sou do bloco que acha que as coisas vão sempre acabar bem. Só que é complicado manter o otimismo num país governado por alguém que, de maneira disfarçada, ressuscitou o slogan "Brasil: ame-o ou deixe-o". De qualquer forma, que se dê o benefício da dúvida em relação ao novo ministro, mas não vamos deixar a guarda baixa, ok? Imprensa livre e forte sempre!

Nota: *Bem que tentei incluir o espaço do Pato Fu nessa edição, afinal, havia muita coisa em pauta. Mas isso, no final, significaria extrapolar mais uma vez o limite do tamanho do zine, que já está gigante. Fazer algo com mais de 25 páginas seria loucura (aliás, isso está virando um caso sério), e às vezes é preciso dar chance a outros assuntos e prestigiar outras pessoas. De qualquer forma, gostaria de deixar registrado que o trabalho solo do Ricardo Koctus é muito massa! Vai fundo moço... mas só não deixe o Pato Fu!*

editorial & expediente

ELEFANTE BU N° 22

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto de Iason Athanasiadis

REVISÃO:

Daniela Casarotto

COLABORADORES:

Washington Ribeiro, Georgiana Calimeris, Leonardo de Moura e Rúbia Cunha.

AGRADECIMENTOS:

A Iason Athanasiadis, que foi muito generoso. Érika Machado, Vinícius Mitchell, Marcos Pinheiro, Brunno SV, Luis Fernando, Fredi Batista, Max Bernardo, Robson Dias.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Bossacucanova direto! Também a Latuya. Fazia tempo que não ouvia, mas daí peguei o disco no site da banda e relembrei o tanto ela é bacana! *So Sorry*, Feist; *Tell me 'bout it*, Joss Stone; *Rainha dos baixinhos*, Repolho; *Hold On, Hold On*, Thief; *Blister in the Sun*, Paddy Milner; *I'm Gonna Be (500 miles)*, The Proclaimers; o tema em ingles do Spectreman!

APOIO:

porãoweb.com.br

Capa/ Ziniando

Iason Athanasiadis

Ziniando:

Vinícius Mitchell
Érika Machado
Marcos Pinheiro
Sub-Versão
Acidogroove
Plastique Noir
FMI
Abril Pro Rock

Colunista convidado:

Robsônico

Porão Web:

Dia da Mulher

O Guia:

Georgiana Calimeris

Para Ver:

36
O pacto dos lobos

Mundo Geek:

CúCão Filmes
Cavalheiros do Zodíaco

sumário

O jornalista grego Iason Athanasiadis, cobre o Oriente Médio, além de países próximos a região, desde 1999.

A História Num Clique

Texto: Djenane Arraes - Colaboração: Georgiana Calimeris

Enquanto estava trocando e-mails com o jornalista grego Iason Athanasiadis, perguntei qual seria a foto que gostaria de tirar e o título da reportagem que a acompanharia. Ele disse que toda vez que um jornalista como ele se vê diante de uma questão hipotética, seu cérebro entra em curto-circuito. Mas acabou mandando a imagem que ilustra a capa do Elebu deste mês. É uma de suas favoritas que foi tirada no Irã. Ela mostra que nem tudo numa região que sofre por causa de conflitos e guerras sem-fim é sobre tristeza, dor e morte. Ainda existe espaço para liberdade e descontração.

E são momentos curiosos, tristes, cotidianos, de alegria dessa região e também de proximidades que Iason capta desde 1999 em vídeos, reportagens escritas e fotografias. É formado na Universidade de Oxford (Inglaterra), onde estudou árabe e a história do Oriente Médio, além de persa e sobre o Irã contemporâneo na Escola de Estudos Internacionais de Teerã. Depois de concluir seus estudos, colocou a perna no mundo, chegando a morar em Damasco (Síria), Cairo (Egito) e no Qatar. Está há três anos em Teerã e como fala árabe e mais alguns dialetos da região com fluência, além de conhecer a região e sua dinâmica como poucos. Se tornou correspondente internacional para diversos jornais do mundo, entre eles o Financial Times, o Guardian e o Washington Times. Chegou também a colaborar com o canal Al-Jazeera. Como produtor free-lancer, se aventurou em documentários e reportagens para BBC, ABC, para a televisão grega e mais alguns outros.

Como não poderia ser diferente, viu de perto as crises no Afeganistão, a guerra do Iraque e mais recente os ataques de Israel ao Líbano. E mesmo sendo um especialista que convive com esses povos há anos, ainda consegue reportar o que vê com imparcialidade quase irreal. Mas foi como disse que, sendo jornalista, ele não tem uma opinião e apenas reporta o que vê. Para conferir o seu trabalho acesse o site http://iason.ws. É em inglês e lá você pode conferir a produção fotográfica de Iason, além de ler suas reportagens.

O Elebu conversou com Iason por e-mail sobre a sua experiência na região, e sobre fotografias.

Elefante Bu - Quando começou a tirar fotos profissionalmente?

Iason Athanasiadis - Há uns dez anos e fiz a minha primeira exposição em Londres com fotos que tirei no Iêmen em 1997.

Elebu - Quantas exposições mais fez desde então?

Iason - Muitas. As últimas três foram em Teerã.

Elebu - O que observo é que suas fotos tendem ir para um lado mais artístico do que jornalístico, não é mesmo?

Iason - Meu estilo é procurar transcender o efêmero, o fazer algo que tem valor de notícia hoje e já não tem importância amanhã. Quando visito um país, procuro capturar o modo de vida, mesmo que isso seja apenas o momento que se possa viver através daquela imagem.

Elebu - Acho que você tiras fotos curiosas. Uma das que acho mais interessantes foi uma na Turquia num lugar pobre da cidade (acho eu) onde há roupas penduradas entre os prédios e antenas parabólicas ao fundo. Qual a sua grande procura ao tirar fotos?

Iason - A foto é de uma área Kurda, uma das mais pobres da cidade. Sempre procuro ver como a sociedade vive, quais são as coisas que a torna diferentes das outras ou os pontos de conflito.

Elebu - Você tem uma foto com uma grande história por trás?

Iason - Estava no Líbano nesse verão (n.e.: verão do hemisfério norte) por causa da guerra. Dois dias depois do cessar-fogo, o Sul se abriu e nós não corríamos mais o risco de ser atingidos pelos mísseis ruidosos de Israel. Nós visitamos uma vila próxima a cidade de Bint Jbeil que sofreu muito nos ataques e foi quase toda destruída durante a batalha. Nós encontramos muitas pessoas que tinham perdido parentes sentadas numa tenda erguia pelo Hizbullah ao lado de uma mesquita. Elas estavam chorando pelos parentes que tinham morrido tanto nos bombardeios de Israel quanto lutando pelo Hizbullah. Estava entrevistando o oficial do Hizbullah no comando do lugar quando um de seus homens veio e sussurrou para que havia um homem cujo o filho tinha desaparecido e ele insistia em saber notícias. Na verdade, o filho dele lutava pelo Hizbullah e, no caos da situação pós-guerra, o líder tinha ainda que deixa-lo saber a verdade de uma maneira respeitosa. Então o oficial Hizbullah decidiu que ele deveria contar isso pessoalmente e, se desculpando, se retirou. Porque falo árabe, entendi o que havia acontecido e os segui. Enquanto eles conversavam com o homem, eu me atrevi a tirar uma única foto. Isso capturou o exato momento do impacto que o homem sofreu ao saber que o seu filho estava morto. Para mim essa é uma foto extraordinária e uma que não poderia ser tirada por mais ninguém por causa das barreiras lingüísticas.

A expressão do homem ao saber que o filho, que era um soltado do Hizbullah, morreu durante a batalha contra Israel

Acima: duas cenas no Iraque. Abaixo: loja destruída no Líbano após os ataques de Israel e soldados brincam no Afeganistão

Elebu - Porque você escolheu o Islamismo, países árabes e o Oriente Médio como assuntos do seu trabalho? Porque trabalhar nesses locais?

Iason - Foi totalmente por acaso. Resumindo: antes de ir para a universidade, meu pai me convidou para ir à Síria - onde ele estava fazendo a pesquisa do seu livro para visitá-lo. Nós viajamos através da Síria e do Líbano e eu estava impressionado o bastante por esses dois países e de como eles aprendiam árabe nas universidades. Estava seguindo um conselho de um amigo jornalista que sugeriu para que não perdesse tempo com coisas sem importância no curso de jornalismo, mas que estudasse bem o idioma e a região para então ir lá e começar a escrever sobre ela. É claro que o Irã, onde tenho vivido nos últimos três anos, não é um país árabe e as pessoas descendem dos persas e turcos, além de outras minorias. Viver aqui tem sido absolutamente extraordinário. Irã é grande e geologicamente variado o bastante para ser quase um continente. Viajar através dele numa é tedioso. A alternância entre deserto, terras férteis, montanhas imponentes, o mar Cáspio e o Golfo Pérsico é extraordinária.

Elebu - O jornalista Joe Sacco contou uma história interessante no seu livro sobre Sarajevo. Uma mulher mostrou a localização do hotel e do fronto num mapa e disse onde ele não deveria ir. Você recebeu avisos similares quando viajou para o Iraque ou no Afeganistão?

Iason - No caso do Iraque, em todos os lugares menos em duas cidades no norte. Você tinha de ser criativo e encontrar formar para driblar as restrições ao invés de ficar no ar-condicionado do hotel respondendo e-mails. E, ao mesmo tempo, você tinha de evitar estrelar aqueles vídeos de decapitação. No final, a melhor maneira de ver o Iraque do jeito que está agora é com a escolta do exército americano. No final acabou sendo uma experiência bem mais flexível do que esperava.

Elebu - É difícil interagir com o cidadão comum nas zonas de conflito ou zonas de guerra? Como essas pessoas reagem na presença estrangeira?

Iason - Absolutamente. Muitos jornalistas estrangeiros lidam com a suspeita ou hostilidade dos locais se armando com tradutores, motoristas, e carros com tração nas quatro rodas. Americanos especialmente, são os mais preocupados em se exporem num tempo em que a impopularidade de seu governante atingiu os mais altos índices. Eu tento aprender o idioma local de onde quer que eu more e procuro interagir com a cultura. É

Acima: cotidiano no Irã. Abaixo: homens no Irã e meninos sorriem para a foto em Cuba

claro que isso sempre gera aquelas perguntas tediosas quando volto para casa, na Grécia ("você não fica com medo de viver lá... não é perigoso... você não teme por sua vida... etc"). No geral, encontro no Oriente Médio um dos lugares mais seguros do planeta para viver com os menores índices de criminalidade do que qualquer outro lugar.

Elebu - Qual foi o seu melhor e pior momento aí no Oriente?

Iason - Todos os dias quando aprendo alguma coisa nova ou pego uma história não coberta pela mídia de língua-inglesa são os meus melhores aqui. Mais recentemente voltei de uma viagem do sul do Irã onde num espaço de três dias nós visitamos um curandeiro santo Sunni, contrabandistas que arriscam suas vidas cruzando o Golfo Pérsico do Irã até Oman todas as noites, e exorcistas africanos que expulsam maus espíritos das pessoas possuídas por eles. E quem nos acompanhou na nossa viagem foi uma poetiza persa setuagenária. Um dos meus piores momentos foi numa patrulha com as tropas norte-americanas em Baqoubah, uma cidade perigosa no leste do Iraque onde a violência é contínua. Fiquei petrificado que em qualquer ponto os insurgentes poderiam abrir fogo e, obviamente, escolheriam atirar primeiro no cara com as máquinas.

Elebu - Nós temos uma idéia "ocidental" sobre toda essa situação, especialmente qundo falamos do Iraque, Irã e Afeganistão, que as pessoas comuns lá são vítimas de governos e governadores megalomaníacos e grupos radicais. Mas e o outro lado? O que o cidadão comum pensa sobre terrorismo e todas essas questões políticas?

Iason - Eles tendem muito mais a reconhecer duplamente o modelo ocidental em seus governos bem mais claramente do que vemos no ocidente, principalmente por que são eles os que recebem o fim de tudo isso.

Elebu - Agora você esteve também em Cuba, um país que parou no tempo. Qual foi o mais interessante aspecto que você encontrou por lá?

Iason - De como as pessoas são muito mais felizes do que as do Oriente Médio, mesmo tendo bem menos. Eu desejaria que um programa pudesse ser instituído e levado ao Oriente Médio para eles aprenderem como ser menos rígidos com a religião e aparências e apenas curtir a vida. Cuba me lembrou muito a Síria, outro país que parou no tempo por causa do isolamento internacional e sanções. E lá, onde a vida muda menos, pessoas comuns são mais felizes do que em lugares como o Egito, que tem se dividido pela força da globalização.

A Música em Forma de Desenho

Vinícius Mitchell deu um tempo em sua banda, a Cappuccino, mas continua falando de música em forma de desenho. Ele está com um projeto em desenvolvimento onde vai ilustrar músicas, sendo a maior parte do repertório nacional.

Vinícius Mitchell é botafoguense. Mas é também estudante de Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Poderia estar formado há algum tempo se não tivesse de adiar sua graduação seguidas vezes. Culpa do trabalho como ilustrador treinee nos jornais O Globo, Expresso e Extra, onde faz ilustrações e infografia, isso sem contar os inúmeros outros afazeres que aparecem. Fazer o quê? Caso tivesse mais chance para se dedicar ao seu projeto final, é possível que teríamos a oportunidade de apreciar suas ilustrações de músicas numa exposição. A idéia em si não é original porque já existiram trabalhos onde artistas plásticos deram suas versões a grandes clássicos da música nacional. A forma apresentada aqui, de uma única pessoa que dá sua visão pessoal a essas obras por meio de desenhos, é onde está a novidade.

Mas enquanto esse projeto não se concretiza, é possível ver alguns deles na página o lado, e no endereço www.fotolog.com/flogdomitchell.

A idéia de desenhar músicas veio no ano passado. “Eu já tinha interesse em ilustração e queria bolar uma série, algo como um álbum, mas estava sem tema. Depois comecei a desenhar inspirado em música. Até fazer uma ilustração que curtisse mesmo, ainda levou um tempo. Aquela coisa de achar o fio da meada, sabe? Quando vi que dava para fazer uma série com isso, comecei a pensar em direcionar o projeto final. Achei legal explorar um lado da coisa que nem tem tanto a ver com a música em si, mas sim com 'comportamento', que é o clima da época, e explorar isso nos personagens, nas roupas e nos ambientes, que era uma coisa que às vezes fazia nos quadrinhos. Depois disso vi que teria vontade de desenhar sobre outras músicas, nessa mesma pegada. Mas o trabalho ainda está em andamento, falta bastante coisa e tenho que ver a direção

Série “coisas que nunca vi”

Da esquerda para a direita: "Grilos", de Erasmo Carlos; "Nervos de Aço", de Lupicínio Rodrigues; "O Mistério do Planeta", dOs Novos Baianos; "Do Vento", de Arnaldo Antunes; "O Homem da Gravata Florida", de Jorge Ben.

que vai tomar".

Mitchell começou a desenhar ainda pequeno, e no seu currículo há desde participações em fanzines (uma das mais recentes aqui mesmo no Elebu, na edição de março onde ele foi o autor da ilustração da capa), até colaborações com as revistas Bizz, Dynamite e a SET. Mas onde ele diz ter sentido a evolução de seu traço foi na revista de bolso MOSH!, onde teve a oportunidade de publicar seus quadrinhos de forma regular durante três anos. "Foi uma experiência especial também por conta do momento que vivia, e também sentia isso no grupo, no momento de cada um, na amizade. A galera curtia se reunir, independente de estar trabalhando a revista. Acho que não tem como planejar esse lado da coisa, acontece sem querer, e você naturalmente se envolve e participa mais. Sinto vontade de colaborar com as publicações que estão rolando. Eu é que andei muito enrolado para produzir as HQs com regularidade". O atual trabalho nos jornais é intenso e ele reconhece que, apesar da correria, é um desafio e tanto. Mas garante que está adorando a experiência. "Acho que cada situação tem desafios próprios: se é um trabalho online; se é impresso; se é um lance com tempo de folga para planejar ou se é pra amanhã; têm ritmos e soluções diferentes".

O trabalho de Mitchell tem características muito mais líricas do que humorísticas, que prima muito pela qualidade do traço, o jogo de cores, sombreamento e detalhes. Na MOSH! seu trabalho se destacava também por ser quase crônicas do cotidiano, gênero aliás que gosta muito. Diz ser fã de narrativas e sempre que pode, faz experiências nos seus desenhos. Num único quadrinho ele pode dar voz a uma menina deitada na cama ocupada em pensamentos típicos adolescentes; um homem comendo pastel e tomando caldo-de-cana; ele mesmo lendo horóscopo enquanto viaja num ônibus. Lorotas de amigos, lendas urbanas e histórias de avó viraram até a série "coisas que eu nunca vi".

Ah, e como se já não fosse um desenhista diferenciado, ele ainda se aventurou na música com a banda Cappuccino. Mas deixou de tocar com regularidade há dois anos. "Acho que meu talento mesmo é para o desenho. Gostava muito da banda pelo lado de tentar compor, de bolar uma letra, e de cantar. E acho que a música sempre vai fazer parte da minha vida, sou um fanzão, ainda acompanho lançamentos e vibro quando encontro um disco novo (ou velho) que me empolga de verdade. Gosto de desenhar sobre a música também, o universo todo em volta disso. Mas tocar mesmo, só o violão em casa hoje em dia". Talvez a música possa ter perdido, mas nós ganhamos um artista que tem muita sensibilidade e amor pelo que faz.

Todas as possíveis formas de

Há coisas que só o acaso explica. Certa vez *Érika Machado* gravou as músicas que tinha composto num MD emprestado de sua amiga, a cantora Marina Machado. Fez um show ao vivo em seu quarto afim da amiga escolher alguma música para o repertório do disco *Marina seis Horas da Tarde*. Do show para uma pessoa só nasceu o CD *Baratinho*, para ser vendido no camelô a R$ 8,00 (e que vendeu honrosas 750 unidades). O Baratinho, por sua vez, foi a célula fundamental para o excelente *No Cimento*, debut de Érika lançado de 2006 pela Indie Records com produção de John Ulhoa. Trata-se de um trabalho diferenciado que apresenta ao país uma cantora interessante que faz um pop chique (algumas vezes reconhecido como MPB), mas com um jeito meio moleque e despretensioso. O talento dessa moça foi reconhecido, inclusive, pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), que a escolheu a revelação de 2006.

Érika parece respirar diversas formas de arte. Ela é artista plástica formada pela Escola Guignard, fez parte do projeto Novos Utópicos (formado com amigos também artistas plásticos, onde cada um tinha uma proposta diferente de intervenção), já teve aulas de canto, fez o projeto gráfico do próprio disco, e ainda veste Ronaldo Fraga. "*No Cimento* é o início da minha carreira musical. O Baratinho é um CD de fato, mas penso nele fazendo parte do universo das artes plásticas. É um objeto, não é um disco demo, ele está pronto", disse Érika. A artista considera que faz um trabalho híbrido, apesar de apenas uma parte dele ser mais divulgado. "Vem tudo misturado. O que importa, para mim, é a idéia das coisas, e nada me impede de ser artista plástica, compositora, cantora e tocar violão, tudo ao mesmo tempo, e talvez não tenha esse tanto de nomes a coisa que faço. Acho que é uma coisa só, um monte de suportes para uma mesma idéia! Acho melhor pensar assim".

Uma das mais recentes idéias de Érika foi fazer um cabeção. "O cabeção é uma cabeça bem grande, daquelas que vemos nos trenzinhos de praia no verão com cabeça do Mikey, da Mônica... só que é o cabeção do desenho da capa do CD que será vestido por

Arte

uma garota que irá circular em alguns pontos da cidade com uma mochila nas costas e um aparelho de som dentro tocando todo o *No Cimento*".

Suas composições também refletem esse universo visual. Elas são simples e muito descritivas, claras e não dão margem a interpretações diversas. Por vezes fala de objetos, de coisas concretas. É possível identificar, inclusive, influência direta de Arnaldo Antunes. Quer ver? Antunes tem uma música chamada qualquer que diz assim: "qualquer/ perna, braço, pedra, passo/ parte de um pedaço que se mova...". Já uma das músicas mais famosas de Érika, *As Coisas*, tem melodia e ritmo diferente de qualquer coisa de Antunes, mas é possível ver ecos: "deve haver para tudo isso alguma explicação/ janela, tela, tênis, vidro, olho e palavrão". O que isso tem haver? É só para mostrar mais um ponto a favor na obra da artista. "Sempre uso nas minhas canções palavras que fazem parte do meu vocabulário diário, e sempre falo das coisas do jeito que as observo. Falo do meu ponto de vista, e acho que ele só pode ser visto por mim, será que isso influi? Não me vem na cabeça outro motivo. Acho que esse é o meu estilo de ser, de conversar".

Aos poucos Érika conquista mais e mais espaços. Ainda não é um sucesso comercial, e hoje se encontra numa posição intermediária, onde ela ainda não toca no rádio com muita freqüência, mas também não sofre as pendengas "indies". Muitas portas se abrem para essa mineira e é certo dizer que o caminho que ela trilha pode leva-la ao grande público. "Sei que ainda tenho muito trabalho pela frente, e quero que um montão de gente conheça o que faço. Ainda fiz poucos shows, e é a minha primeira banda, é tudo muito novo, e sinto que esteja experimentando tudo de uma posição privilegiada sim, tenho a atenção de algumas pessoas muito legais e estou curtindo fazer esse trabalho". Disse ainda que não tem objetivo de se manter em nenhum lugar, pois o que a atrai de verdade é a idéia de poder transitar e experimentar. É claro que aparecer na TV não é má idéia para Érika, e ir atrás de algum retorno financeiro também não é nada mal.

Guerreiro do Rock de Brasília (parte 2)

Djenane Arraes e Washington Ribeiro
Foto: Washington Ribeiro

Nessa segunda e última parte da entrevista realizada com o jornalista Marcos Pinheiro, o novo diretor da rádio Cultura FM e vice-presidente da ONG Porão do Rock, as bandas de Brasília e a nova idéia para o formato do festival Porão do Rock deste ano foram os assuntos principais. Confira.

Elebu - Durante a sua carreira, qual foi a banda que você pensou que iria acontecer e acabou sendo uma decepção?

Marcos - Das bandas daqui de Brasília, tinha o Maskavo Roots, o original com o Pinduka, a Joana e o Salsicha. O primeiro disco deles é do caralho. Para mim é um dos melhores já produzidos no rock de Brasília, ou pelo menos da geração que acompanhei de perto. A gente tocava fácil cinco ou seis faixas na programação normal da Cultura. Era para ser sucesso nacional. O azar que tiveram foi ser lançados pelo Banguela num momento que o selo pegou um monte de gente sem ter bala para investir. O Bois de Gerião, para pegar uma banda da geração 2000, tem dois discos que dariam para tocar fácil nas rádios. É um pop bem produzido, legal e eu gosto. Mas eles conseguiram menos que o Maskavo Roots. Tinha uma banda dos anos 90, o OZ, mas ela era inviável para o mercado porque cantava em inglês e o som tendia para o hardcore. Talvez se eles cantassem em português, poderiam ter pegado uma carona com os Raimundos. Mas era uma banda do cacete. De tanto uma banda bater e não conseguir, chega uma hora que ela pára e desiste. O Pravda, que é contemporâneo do Maskavo Roots, fazia um funk-rock que talvez hoje pudesse ser sucesso. Mas na época não tinha apelo. É uma pena. São talentos desperdiçados. É claro que também tem um outro lado que é saber conquistar um nicho de mercado. Você vê o Móveis Coloniais de Acaju que não tem música em rádio e nem clipe na MTV, mesmo assim eles conseguem colocar duas mil pessoas nos shows aqui e fora de Brasília. Eu fui num Humaitá Pra Peixe no Rio, e o show deles estava lotado com as pessoas todas cantando as músicas deles.

Elebu - Já fizemos uma entrevista com a Móveis. Uma coisa interessante é que eles dizem querer ser o Calipso do rock. O que isso quer dizer? É você montar uma estrutura, é agregar valores para viabilizar o seu trabalho.

Marcos - Você sabe que o Calipso, Calcinha Preta e outras bandas de forró são todas independentes e vendem milhões. É um negócio absurdo. É claro que eles aparecem na televisão e tocam em rádio, mas eles conseguiram isso de forma independente. E o Móveis pode fazer isso. O som é pop que tem coisas malucas, mas no palco isso funciona porque eles tem uma performance bacana. Se eles conseguirem vender a imagem do show principalmente, porque o disco não tem

tanta força, é garantia de sucesso absoluto. E eles estão no caminho. Já tocaram num monte de lugares e eventos onde as pessoas vão para vê-los. Não são mais suporte para ninguém. Eles fizeram um "Móveis Convida" no final do ano passado com o Los Hermanos, e colocaram quatro mil pessoas no show. Só que foi o Los Hermanos abriu para eles, e depois todo mundo ficou para vê-los. Eu torço muito por eles porque se conseguirem uma projeção nacional maior, quer queria quer não, é uma porta que se abre para a produção de Brasília.

Elebu - O Porão vai completar 10 anos, um festival cujo intuito é divulgar novas bandas, trazer pessoas de outros locais, assim como levar Brasília para outros estados. Nesses dez anos, o que você destacaria que aconteceu de mais importante no Porão?

Marcos - Uma frustração que tenho e que em parte me culpo um pouco é do Porão não ter conseguido emplacar uma banda nacionalmente. O primeiro evento importante que o Móveis fez foi a abertura do Porão do Rock de 2000. Foi também o primeiro grande Porão do Rock em termos de estrutura. É óbvio que todo o destaque que eles têm é fruto do trabalho deles, mas, de certa forma, nós ficamos felizes por eles terem passado pelo Porão. Mas a gente queria, a partir de todos esses contatos, ter revelado uma banda nacionalmente. O Rumbora nasceu com o Porão do Rock, mas já estava caminhando paralelamente com a Trama, e hoje nem existe mais. Ficamos frustrados por não ter sido mais efetivos, e o Porão do Rock, apesar de todos os projetos e das nossas idéias, virou um evento pontual. O que a gente quer é criar um movimento que funcione o ano inteiro e que o festival seja um ápice disso. Em alguns momentos isso até aconteceu. Fizemos um programa na rádio Transamérica; e uma revista que durou um ano e meio, mas o custo era alto e ela foi mal gerenciada, infelizmente. Hoje nós temos a rádio. O que a gente precisa é criar um canal de divulgação massiva, e também pequenos eventos para movimentar a cena com o carimbo do Porão. A revista funcionava nesse sentido, porque além do conteúdo, toda vez que saía uma edição acontecia uma festa de lançamento com bandas tocando. São coisas que se tivessem continuidade, hoje nós estaríamos numa situação bem melhor.

Elebu - Mesmo assim, o Porão do Rock teve conquistas significativas. A marca hoje tem peso nacional.

Marcos - Mas é bom deixar claro que o Porão não foi feito para salvar a vida de ninguém. Ele conquistou o que conquistou graças ao trabalho de um grupo de pessoas. É claro que temos alguma influência e contatos, mas nada vem de mão beijada. O festival vai acontecer daqui a quatro meses (n.e.: a entrevista foi realizada em fevereiro) e não fechamos com nenhum patrocinador ainda. Muitos deles só fecham conosco aos 45 do segundo tempo. Tem gente que acha que aquela estrutura aparece do nada, como num passe de nada. Não sabem que muitas vezes a gente sai no vermelho. Pelo fato do Porão ter sido de graça por cinco anos, nós temos contas para pagar até hoje. Mas conquistamos muitas coisas e eu gostaria de ter feito muito mais, especialmente nas ações sociais.

Elebu - Você já teria como dizer como é que será o Porão deste ano?

> "É bom deixar claro que o Porão não foi feito para salvar a vida de ninguém. Ele conquistou o que conquistou graças ao trabalho de um grupo de pessoas."

Marcos - A gente chegou a uma conclusão que esse formato com bandas headlines nacionais não deu certo. Ano passado foi um exemplo clássico disso. Porque as pessoas que vão ver bandas como Titãs e Skank estão cagando para as independentes e vice-versa. Isso acaba gerando um conflito de interesses e de público. E nós tivemos uma diminuição de público no ano passado. Então qual o formato que nós queremos adotar nesse ano? As bandas headlines serão internacionais. Não será uma megabanda porque a gente nem tem como arcar com isso. Mas deve ser alguma que tenha um conceito e que vá agregar um tipo de público. Vamos ter bandas conhecidas nacionalmente, mas até um limite. Vamos trazer bandas da grandeza de um Pato Fu, de um Mundo Livre, ou seja, que tenha um conceito alternativo, mas que também agregue um público fiel. Vamos diminuir aquela arena, porque não tem necessidade de uma daquele tamanho. São idéias que estamos tendo para esse décimo ano. Não estamos mais preocupados em levar 30 mil pessoas. Queremos um festival para 15 mil pessoas. Se tiver uma atração bacana, que seja para 20 mil. O negócio é a gente conseguir pagar as contas. Trazer uma banda como o Skank, por exemplo, é uma relação custo-benefício que não vale à pena. O cachê de banda nacional pop é de R$ 70 mil para cima. Para tocar num festival como o Porão, elas não cobram menos de R$ 50 mil, fora passagem, hospedagem, alimentação, transporte, despesas com excessos de bagagem... Não compensa todo o investimento. E você tem que trazer coisas diferenciadas. Não dá para ficar no "mais do mesmo". A idéia para o porão de 2007 é voltar às origens, mas com um upgrade.

Uma Questão de Atitude e informação

Hamilton de Holanda aprova. Se um músico tão gabaritado colocou a sua mão e deu a benção, pode ter certeza que a banda brasiliense Sub-Versão tem mesmo algo diferente e de qualidade. Formada por Brunno SV (vocal), Luis F. Xavier (baixo), Maurício Ramores (guitarra) e Daniel Banda (bateria), a banda lançou seu primeiro trabalho em 2001 em forma de uma fita demo (fita mesmo, daquelas magnéticas que estão cada vez mais raras de se ver). Se naquela época eles optaram por uma velha tecnologia para apresentar a que veio, com o segundo disco de carreira, *Novo Manual do Guerrilheiro Urbano*, o novo é vedete.

Lançado em março deste ano, o SMD traz uma nova proposta. Opa, espera aí? SMD? Significa "Semi Metalic Disc". É uma tecnologia bem mais barata que foi desenvolvida, vejam só, pelo Cristian, aquele mesmo que faz dupla com o Ralf. O SMD tem a mesma qualidade de um CD comum e tem capacidade de 70 minutos de áudio, mas com custo de produção 30% mais barata. Não tem, por exemplo, embalagens de acrílico. Essas foram substituídas por papel cartão (mais informações em www.portalsmd.com.br). Além disso, existe todo um caráter social e de combate à pirataria e certas normas que precisam ser respeitadas. A mais notável é que o preço do disco é fixado em R$ 5,00. A Sub-Versão foi a primeira banda independente de Brasília a usar a nova tecnologia.

Brunno SV disse que conheceu a proposta do SMD na internet e achou até que se tratava de mais uma lenda, tamanha era o "absurdo" da idéia. Era algo bom demais para ser verdade. Então ele ligou para o escritório em São Paulo e teve a confirmação. "Era tudo que queríamos. Na outra semana um grupo de pesquisa de Comunicação da UnB estava fazendo um trabalho sobre grupos independentes. Gravaram uma entrevista para um documentário e nós falamos do SMD. Eles também acharam estranho mas pediram exemplares do produto para conferir. Constatamos que tem a mesma qualidade de áudio e nos surpreendemos com a beleza do disco que fica transparente onde não tem faixa de música. Mas vou falar a verdade que só acreditei mesmo quando recebemos o nosso e eu coloquei para tocar em todos os sons da minha casa".

A busca do novo ainda vem aliado à boa apresentação do produto. Daniel Banda fez toda uma pesquisa onde descobriu que os impressos de protesto vinham da arte gráfica russa, então construiu um trabalho visual em cima disso. Para Brunno, ter uma boa apresentação é fundamental para uma banda independente. "Todo mundo sabe que a aparência é o cartão de visitas e, no nosso caso, quando forem ouvir o disco já será de uma forma diferente e talvez a barreira do rap com o rock seja quebrada exatamente ai. Alguns diriam que isso é estratégia de marketing, mas pra mim é tática de guerrilha". O vocalista ainda acredita que, apesar das músicas também estarem disponíveis na internet, uma embalagem bonita e o preço acessível vai convencer o público a comprar o SMD e ter um material de qualidade ao invés de perder tempo com download.

A Sub-Versão é mesmo uma banda que gosta de fugir do óbvio. A começar pelo som que fica entre o rap e o rock'n'roll pesado. Há também

ousadias e talvez a maior delas seja a presença do bandolinista Hamilton de Holanda, um dos maiores músicos de chorinho do país. Ele participou da *Marcha da Revolução*, música que traz também trecho incidental de *Cada Vida é Um Destino*, de Arlindo Cruz e Gilberto de Andrade, e interpretada por Mussum. Eles entraram em contato com o músico por meio do produtor Marcos Paulo. A banda mandou o disco para Hamilton que gostou do trabalho e acabou topando fazer a participação especial. "Parecia um sonho para nós. Foi tão rápido que em 15 dias já estávamos com a gravação dele em mãos. Ele, gênio que é, gravou mais de 20 faixas para mesma música e mesmo assim achou que nenhuma tinha ficado boa. Nós, se pudéssemos, ficaríamos com todas. O Daniel Banda, baterista e design da Sub-Versão, depois acabou fazendo um cenário para um show do Hamilton e quando foi agradecer a participação dele no disco ele respondeu: 'Que nada eu só toquei porque gostei muito do som'".

Já o rap da Sub-Versão vem caracterizado pelo discurso político (algumas vezes com tons partidário) e social, além da forma de cantar. Brunno SV, que escreveu todas as letras, diz que é um desafio cantar sem soar chato ou superficial. Para isso ele usa a informação como arma. Ele é um cara bem instruído, que fez curso de Jornalismo e atualmente é estudante de Ciências Políticas. A inspiração para compor *Novo Manual do Guerrilheiro Urbano* veio de Carlos Marighela, que em 1969 fez um manual onde trazia informações aos militantes que iam da forma de preparar armas caseiras, à maneira correta de se vestir e falar para não levantar suspeita. "Fui muito influenciado nesse disco pelas idéias do que está sendo chamado de novo socialismo que são todos aqueles movimentos sociais que surgiram a partir das manifestações de Seatlle em 1999. Me identifiquei muito com o movimento de Chiapas no México do Exército Zapatista de Libertação Nacional e com as idéias do Subcomandante Marcos". Mas ainda ressaltou que a Sub-Versão não acredita que é preciso pegar em revolveres para revolucionar. A banda prefere usar o rap, o rock e a educação como armas.

Uma pena que todas essas ousadias afastam um público que seria alvo. Brunno disse que parte do público mais ortodoxo do rap não aceita o som orgânico da guitarra, baixo e bateria que caracteriza o rock. Em compensação o público do rock, em especial aqueles que apreciam o formato melódico, não se identifica com a linha dura e reta do rap. "Felizmente temos conquistado um publico muito variado que foge de rótulos e estereótipos, mas se identifica com as letras da Sub-Versão. Acho que nosso publico se liga muito mais no conteúdo do que na forma e isso é muito satisfatório, pois sempre foi um dos objetivos da banda conseguir passar sua mensagem".

Para ouvir acesse www.myspace.com/subversao.

Trem bão sô!

Quando você vê uma banda de Minas que consegue unir o jeito mineiro, as influências da música local com o que é novo e contemporâneo, o resultado é um trem danado de bom e autêntico. Pena que são raras aquelas que incorporam as boas características da terrinha. A maioria opta mesmo por um som mais global. Mas com o quinteto *Acidogroove*, de Uberaba, as coisas não seguiram o curso universal da música indie que muitas vezes é carente de identidade, e a banda conseguiu unir todos esses elementos de forma muito feliz.

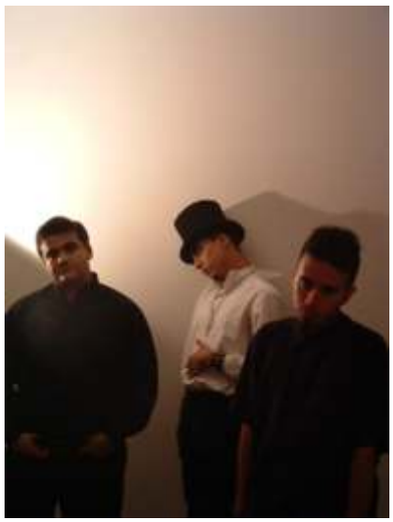
O resultado pode ser apreciados no EP homônimo lançado pelo selo Senhor F Virtual. Ele está disponível para download no site da revista eletrônica de Fernando Rosa. “Temos o Fernando Rosa como um grande amigo da banda. Nosso primeiro destaque em mídia veio de um texto dele falando da nossa música, o que nos deixou muito contentes. Assim, o contato se fortaleceu e a oportunidade saiu. O que muito nos alegra, se pensarmos na qualidade e capacidade do nosso amigo Senhor F”, disse Fredi Batista, vocal, teclado e escaleta da Acidogroove.

A banda tem dois anos, mas só há sete meses que possui, além de Fredi, a seguinte formação: Fred Pinheiro (voz e guitarra), Fábio Meirelles (bateria e voz), Guilherme Brasil (guitarra e voz), e Cláudio Neto (baixo). De acordo com o tecladista, o som da Acidogroove é influenciado pelo cotidiano urbano “movido pelas inquietações existenciais do ser humano, outrora, dialogando com a simplicidade peculiar e diferenciada do bom rock. Sons que emulam o passado fazem frente na banda. Amplificadores valvulados, características vintage, art pop, contracultura, realismo fantástico, tudo num liquidificador coletivo, que resultam na necessidade de se ter um som próprio e original”.

Entendeu? Bom, vamos falar mais simples. Três músicas fazem parte do EP: *O anti-herói*, *Plural dos dobrados*, e *Adeus caminhante*. Todas elas são muito melódicas, com belos arranjos vocais. Então mesmo que a letra não seja lá muito poética, a música desce macia e desperta uma saudade boa. As imagens que ela passa são bucólicas, reforçadas por expressões como “luz da manhã”, “estrela do dia”, “mãe de deus”. Ou seja, são características encontradas em grandes obras como o Clube da Esquina e que transparecem o jeito mineiro.

Fredi disse que essa identificação nas músicas foi uma surpresa para a Acidogroove. “Todos na banda foram criados ao som da música mineira, pois nossos pais sempre escutaram muito, e não somente a música do estado, como também a dita de qualidade. Mas essa característica acabou aparecendo subconsciente no nosso trabalho, pois nossa preocupação sempre foi e é fazer com que a música soe 'bonita'”. Para escutar e ficar feliz.

ACIDOGROOVE



Plastique Noir na Alemanha

A banda cearense *Pastique Noir* foi convidada a participar do *Wave-Gotik-Treffen*, o maior festival gótico do planeta, que acontece na cidade de Leipzig na Alemanha. Neste ano ele se realiza nos dias 25 a 28 de maio. Serão mais de 100 bandas do mundo inteiro que devem fazer a alegria de milhares de fãs do gênero e a Plastique Noir poderá ser a única representante brasileira do evento.

A banda só não bateu o carimbo no passaporte por questões econômicas. De acordo com o baixista Max Bernardo, embora já esteja com o contrato em mãos o trio ainda não pôde assiná-lo porque o festival não cobre todas as despesas. Os integrantes recorreram à Lei do Incentivo Cultural para conseguir a verba necessária e então poder embarcar para a Alemanha. Fica a nossa torcida para que a Plastique Noir consiga ganhar mais essa briga e ser mais uma banda brazuca a brilhar no exterior.

FMI Mais Internacional

A edição de 2007 da Feira de Música Independente Internacional de Brasília (FMI) resolveu fazer um pouco de justiça ao título de "internacional". Pela primeira vez o FMI traz na programação de shows um número considerável, mesmo que ainda tímido, de artistas desconhecidos de outros países. Das 28 atrações anunciadas, oito são estrangeiras, que trazem propostas e ritmos bem variados. São elas: *Raul Paz* (Cuba), *Rhythms of Uzbekistan* e *Shod Group* (Uzbesquistão), *Asimov* (Bélgica), *Mario Moita* (Portugal), *LBP* (República Tcheca), *Amanda Greenwood* (Inglaterra), e *Ofílio Picon* (Nicarágua).

As maiores atrações, mais uma vez, são as bandas nacionais, que nessa edição procura mostrar a diversidade musical do nosso país. Destaque para os cariocas do *Bossacucanova*, e os gaúchos do *Arthur de Faria e seu Conjunto*. A Feira de Música Independente Internacional de Brasília acontece nos dias 2 a 5 de maio no Teatro Nacional Cláudio Santoro. Mais informações no site www.fmi2007.com.br

Abril Pro Rock 2007

Dias 13, 14 e 15

Onde: Pavilhão do Centro de Convenções de Olinda - PE

Sexta	Sábado	Domingo
Palco 1	*Palco 1*	*Palco 1*
Mutantes - SP Nação Zumbi - PE	*Sepultura - MG* Marky Ramone & Tequila Baby - RS *Ratos de Porão - SP* Korzus - SP	*Lee Scratch Perry - Jamaica* The Film - França *Los Alamos - Argentina* Mestres do Forró - Nordeste
Palco 2	*Palco 2*	*Palco 2*
Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta - BA Quarto das Cinzas - CE *MopTop - RJ*	*Dance of Days - SP* Carbona - RJ *Udora - MG* Mechanics - GO	*The Playboys - PE* Canto dos Malditos na Terra do Nunca - BA *Orquestra Contemporânea de Olinda - PE* Rebeca Matta - BA *Monomotores - PE*
Palco 3	*Palco 3*	*Palco 3*
Canivetes - PE *Os Bonnies - RN*	*Fiddy - PE* Rabujos - PE	Êxito d'Rua - PE *Valentina - GO*

colunista da edição: robsônico

A Fórmula Mágica

A cultura de p2p sai dos programas de compartilhamento para cair nos buscadores

Galera, a editora do Elebu me chamou para contribuir com algum material. Adorei a oportunidade. Confesso que fiquei meio sem chão, sem saber o que teria impacto com os leitores. Mas, imediatamente, pensei: música. Yeah!!! Bem, não quero falar da música em sentido artístico, mas de consumo. Mais ainda: numa perspectiva de "infoconsumo", se é que posso dizer assim. Já, desde os tempo de Napster, 1999/2000, a música ficou mais acessível aos consumidores. No vácuo do Napster, vieram o AudioGalaxy, Gnutella, Imesh, Kazaa, Soulseek, Emule, Limewire, Bitorrent, ABC... e por aí vai. Só que ninguém, até então, tinha te falado de uma coisa óbvia: tem arquivos de mp3 no ambiente web. Sim, nas páginas. Bem, mas como posso saber quais são seu endereços? Não precisa. Existe uma fórmula que está rolando na net que te possibilita mapear as mp3 na rede pelos buscadores: google, yahoo etc. Quer ver? Eu demonstro.

Preste atenção aos scripts abaixo:

"nome da banda" last modified mp3 "index of" -html -htm -php -asp.

ou ainda

" *nome da banda* " intitle:index.of "mp3" -htm -html -php -asp

Passo a passo:

1-Vá ao www.google.com.br

2-Cole a seguinte tag: "Skank" intitle:index.of "mp3" -htm -html -php -asp

3-Substitua o nome, em negrito, por qualquer artista que você goste... tente Franz Ferdinand, por exemplo

4-Você vai ver milhares de resultados de diretórios com o mp3 lá prontinho para baixar

5-As páginas já caem no index e você não tem contato com a página original

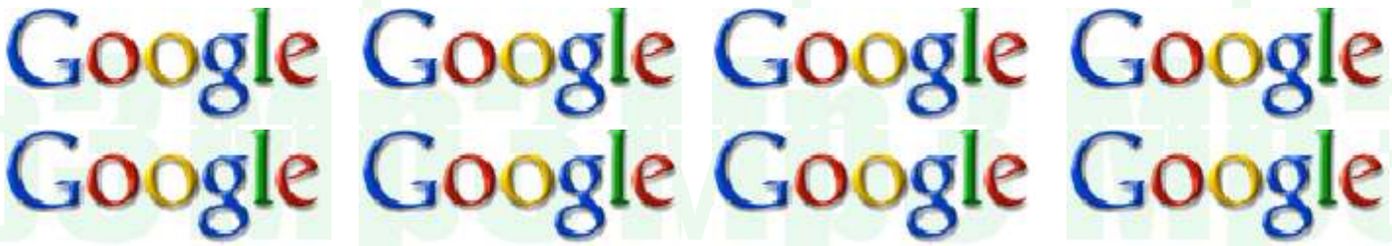
6-Daí, você baixa tudo com "salvar destino como" ou "save as target as"

7-Se quiser, use o endereço do site lá na barra de navegação

Nos links abaixo, com pesquisa pronta, veja alguns exemplos de como buscar MP3 grátis no Google:

- MP3 grátis da Norah Jones
- MP3 grátis do RBD
- MP3 grátis da Kelly Clarkson
- MP3 grátis da Shakira

Fácil, né? Então, esse é o meu primeiro trabalho para a comunidade Elebu. Espero que gostem. Depois, venho com mais novidades.



Dia da Mulher

Nossa homenagem as mulheres do Rock!!!

Batera Beat's

Bianca Jhordão, Leela

Lidiazinha, Sentupé

Meg Stock, Luxúria

Pitty

Jogos da Sombras

Ninguém conseguiu acertar a lista das sombras da edição anterior... que pena!!! Isso me criou um problema... ainda tenho 2 CDs da banda Violeta Pop. Então vou dar uma nova chance e vou facilitar o trabalho. Os dois primeiros e-mails que chegaram para poraoweb@terra.com.br respondendo quem é a sombra da imagem 4, leva o CD. Dica: A banda tocou no festival Porão do rock em 2004, no dia em que o Brasil ganhou o penta campeonato mundial. É considerado por muitos a maior atração internacional do Festival.

Frango, Galinha Preta

Régis, Totem

Wally, CPM 22

Fotos e Comentários: Washington Ribeiro (wr/bk)

porãoweb.com.br

Amizades, Tempo e Espaço

Georgiana Calimeris

Dia desses, tive uma agradável surpresa: descobri que uma das minhas melhores amigas, cidadã do mundo, ainda está na cidade. Ela veio para o Natal e ia embora logo, mas resolveu ficar mais um pouco. Não me avisou porque perdeu meu telefone. Normal! Eu também perco o telefone se anoto nos milhões de papeizinhos à volta. Me adaptei à tecnologia, coloco na agenda do celular. E pronto! Também anoto em uma agenda para o caso do celular entrar na UTI. Tenho outro amigo que desistiu de São Paulo, que prefere o retângulo brasiliense à tumultuada vida paulistana. Assim, encontro as velhas amizades que vem lá da adolescência. Tem coisa mais gostosa que matar a saudade? Até porque, para mim, esses das antigas são artigos raros de luxo.

Algo acontece com amizades, tempo e espaço. Ano passado, retomei contato com um amigo com quem não falava por cerca de quatro anos. O engraçado é que quando liguei para ele e conversamos, parecia que havíamos nos falado no dia anterior. Foi como se os quatro anos de distância nunca houvessem realmente existido. Acho isso o máximo, essa coisa da gente sumir e se reencontrar do nada com alguém, de fazer novas amizades com pessoas que nunca vimos na vida, trocar idéias em uma tarde quente depois de algum curso qualquer. Esses encontros são absolutamente mágicos e perfeitos. De repente, a gente olha para o relógio e acha que entrou em algum vortex porque passou rápido demais como nas brincadeiras infantis.

Gostaria que todos os dias fossem como hoje: cheio de promessas, encontros e sem chuva! É importante não ter chuva porque a gente pode sentar em uma varanda, tomar um suco e sentir o calor com uma leve brisa! Tem coisa melhor que isso? Que curtir a vida em plenitude ao lado de pessoas que amamos? De jogar um pouco de conversa fora quando podemos. Na verdade, o que é chato é não poder ter todos os dias assim com sol e risos. Bom, pelo menos, por aqui, a chuva acaba mês que vem e logo começa a seca, a falta de ar. Ao menos, aqui não tem neve e, mesmo com chuva, encontros perfeitos também acontecem.

É uma pena que não tenhamos poder de nos teletransportar como Hiro! Se pudéssemos, poderíamos ver os amigos sempre que quiséssemos. Epa! Quem disse que não podemos? Quando nossos pensamentos se voltam para a pessoa, a nossa energia está ali com ela, nosso coração e quantas vezes a gente entra on-line e alguém diz: caramba! Estava pensando em você! Lá se vai um papo solto e sincero, uma matança de saudades por meio da alma. Às vezes, nem sempre é boa notícia porque também pressentimos o que não vai bem com quem amamos. O que importa é que carreguemos no coração aqueles que vão, que ficam, que mudam, porque o sentimento vai ser sempre o mesmo: de amor!

Trinta e seis

A bela Paris está sofrendo nas mãos de um grupo de assaltantes que possuem como alvo os carros-fortes. Por quase dezoito meses, nove mortes ocorreram e dois milhões de euros foram levados por esse grupo. Robert Mancini (André Dussollier), diretor-chefe da 36, perto de se aposentar, resolve investir em seus auxiliares mais eficientes: Léo Vrinks (Daniel Auteuil), chefe da BRI, e Denis Klein (Gerard Depardieu), chefe da BRB.

Aquele que conseguir resolver o caso, se tornaria o sucessor de Robert Mancini. Mas a rivalidade existente entre a BRI e a BRB, pode ser comparada a que existe entre o FBI e a CIA nos EUA. Inicia-se dessa forma, um grande esforço entre as duas corporações para solucionar o caso, e um jogo de manipulação começa a ser feito para controlar os fatos.

Esse é o quinto filme em que Daniel Auteuil e Gerard Depardieu contracenam juntos. A trama policial não é só levada por explosões e tiroteios, ao contrário. Portadora de uma trama inteligente, esse filme francês tornou-se bastante recomendado entre os fãs do gênero.

As personagens mostram a dualidade existente dentro das corporações. Denis, é um policial corrupto capaz de chegar aos extremos para conseguir aquilo que quer. Por outro lado, Leo costuma seguir as regras, tentando apartar a rivalidade e solucionar o caso da maneira correta, mesmo quando Denis, seu antigo amigo, faz de tudo para manter as desavenças entre os dois.

36, também é conhecido em seu país de origem por ter recebido oito indicações ao César (o Oscar Francês), nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (Daniel Auteuil), Melhor Ator Coadjuvante (André Dussollier), Melhor Atriz Coadjuvante (Mylène Demongeot), Melhor Edição, Melhor Som e Melhor Roteiro. (*Rúbia Cunha*)

Em 1764 na região rural de Gevaudan, um monstro aterroriza os moradores, levando a morte a várias mulheres e crianças. Devido à quantidade de mortes, o naturalista, aventureiro e jardineiro real Gregoire de Fronsac (Samuel Le Bihan) é designado para descobrir o mistério que ronda a região. Sua ida a Gevaudan, acompanhado por um moicano, gera curiosidade na sociedade rica que o convida para um jantar, onde ele possa compartilhar um pouco sobre o seu trabalho. Gregoire como naturalista tenta provar a esta sociedade, que monstros e lendas só tornam-se reais a partir do momento que a existência deles é comprovada cientificamente.

O filme foi aplaudido por multidões e reverenciado pela imprensa. Ele conta com cenas de violência e momentos de tensão, podemos presenciar o excelente trabalho de Samuel Le Biham, Mark Dacascos, Émilie Dequenne, Vincent Cassel e Monica Bellucci. A fotografia, trilha sonora e o enredo te envolve do início ao fim.

O Pacto dos Lobos, também é um filme que mostra uma sociedade secreta que existiu na época de 1764. Um pouco da realidade mesclada com a ficção, revela momentos de intriga, conspirações, cultura indígena norte-americana, assim como alusões à mitologia. O filme também fala da natureza humana e os confrontos que ela pode passar quando a verdade começa a prevalecer e as máscaras ao cair, revelando um mundo sórdido e vil.

Vale também lembrar que este é o sétimo filme de dez, em que Mônica Bellucci e Vincent Cassel atuam juntos, mas Christophe Gans em sua genialidade, consegue fazer com que cada personagem torne-se uma peça chave para o enredo do filme. Deixe-se envolver! Una-se a esta caçada que o levará a um mundo onde a realidade e o mito mescla-se com tamanha perfeição! (*Rúbia Cunha*)

O pacto dos lobos

Luís F. Xavier

It's We

Projetos nascidos nos corredores de universidades têm uma aura especial (o Elebu que o diga). A *CúCão Filmes* parece ser a prova definitiva da veracidade dessa tese. Essa "produtora" começou em 2005 com quatro estudantes e ex-alunos da Universidade Católica de Brasília (UCB) que se reuniram com o propósito de lançar um trabalho no Festival do Minuto. São eles: Luis Fernando Xavier, Fábio Evangelista, Alex Vidigal e Rodrigo Ramthum. Naquele ano, o tema do festival era sexo, mas os estudantes tinham em mente mesmo era fazer uma trama policial. Nasceu assim o seriado *É Nóis*, que faz o maior sucesso e é um sarro. "Como ficamos empolgados com a rapidez com que o É Nois foi feito, resolvemos fazer um vídeo sobre sexo para o Festival. Mas mesmo com roteiro em mãos, não conseguimos fazê-lo. Não me lembro bem o motivo, mas nesse dia de filmar o vídeo sobre sexo acabamos fazendo o 'É Nois 2 A Missão'. Não tínhamos roteiro ou planejamento", disse Luís Fernando. O *É Nois* é uma espécie seriado policial trash no melhor estilo Afonso Brazza, com pitadas de Quentin Tarantino, filmes de ação B e seriados dos anos 80. Os episódios podem ser vistos no YouTube. Basta acrescentar "*/cucaofilmes*" ao endereço do famoso site, ou pedir para pesquisar "É Nois".

A história conta a trajetória de vingança do policial Linhares pela morte do seu companheiro Cavalcanti, morto durante uma tentativa de execução fracassada de dois bandidos que invadiram a sua casa. Cada capítulo é contado em episódios rápidos com menos de três minutos em média. Até o momento foram produzidos sete de 12 previstos. "Tínhamos conversado brevemente entre nós sobre fazer uma série como as da HBO, que geralmente é constituída de 12 episódios em cada temporada. Essa nos pareceu uma boa idéia".

Os dois primeiros tem menos de um minuto, e o improviso é notável. Mas a partir do terceiro, as coisas ficam mais interessantes e é nítido o salto de qualidade e capricho na produção, mesmo que tudo fique ainda na esfera do trash. Os produtores fizeram ainda uma opção muito feliz ao dublar os personagens no estúdio. Dessa forma eles evitaram os problemas técnicos naturais da captação de som e fizeram da dublagem um trunfo a mais. Outra opção feliz foi a de colocar legendas em inglês em todos os episódios.

Luís Fernando definiu a CúCão Filmes como uma ação entre amigos. A própria origem de tudo já indica esse caminho. Fábio Evangelista é descrito por ele como um cara popular e carismático, que não foi apenas mais um aluno que passou pela UCB, e por isso conseguiu ajuda dos amigos que ainda estavam lá (Alex e Rodrigo) para tocar o projeto. Todo o equipamento usado nas filmagens é do Centro de Rádio e Televisão (CRTV) da universidade. O trabalho de edição e montagem também é feito por lá graças a colaboração do cineasta Mauro Giuntini e dos funcionários da CRTV da UCB.

O primeiro roteiro é de Alex, mas os outros são de todos da CúCão Filmes. Toda a idéia do É Nois foi estruturada durante uma reunião que tiveram na própria UCB. De acordo com Luis, não há uma distribuição rígida de taferas e não existe uma hierarquia entre os quatro, que são ao mesmo tempo roteiristas, produtores, diretores e também atores. Alex Vidigal encarna o policial Linhares com toda propriedade (é o protagonista da série), Fábio interpretou o Cavalcanti, enquanto Luís Fernando e Marcelo são os assaltantes que começaram toda a confusão. “Sinceramente, depois que o primeiro vídeo ficou pronto, todos sentimos que tínhamos mesmo que trabalhar em grupo. Tínhamos objetivos semelhantes e o nosso trabalho não poderia ficar só naquela experiência. Era como se algo do nada, ou como os americanos falam, 'out of the blue', tivesse surgido para o nosso bem”. E ainda acrescentou que o cinema é um trabalho coletivo e quem deseja fazer filmes ou vídeos sozinhos “se fode”.

Edílson Rodrigues

Os quatro produtores da CúCão Filmes posam no auditório da UCB

Essa ação entre amigos ainda envolve participações especiais que são um show à parte, pelo menos para quem está familiarizado com a cena indie brasiliense. A maioria faz pontas, mas alguns viraram personagens importantes. Uma das mais notáveis é a do DJ Montana, que também é conhecido pelos trabalhos e participações no cinema local. Ele é o policial gringo que só quer saber de matar. A dupla Lucy and the Popsonics virou assaltantes de lanchonete, e Fabrício Ofuji, assessor de imprensa da banda Móveis Coloniais de Acaju, foi o mestre de Kung Funk. Luís Fernando garantiu que até o final da série, muita gente da cena de Brasília ainda dará as caras.

Hoje o É Nois virou referência. Talvez seja o primeiro trabalho feito para o Festival do Minuto que ficou famoso graças ao esforço dos quatro produtores. Eles começaram mandando o vídeo para e-mail dos amigos, depois vieram o YouTube e o Orkut, onde existem algumas comunidades com centenas de fãs da série. Aos poucos, o É Nois ganhou notas nas páginas de revistas como a Rolling Stone e a Trip, reportagens dos jornais locais e citações em páginas da internet como o Portal G1 da Globo.com. A CúCão Filmes já fez apresentações em alguns locais da cidade, incluindo uma na FNAC que foi sucesso de crítica. “A repercussão foi construída aos poucos e com algumas dificuldades. Já te disse que não temos equipamento nenhum? Por isso que de setembro de 2005 até março de 2007, apenas sete episódios foram feitos. Poderíamos ter feito mais, mas penso hoje que, as coisas aconteceram no ritmo certo. Ficou provado que qualidade é melhor do que quantidade. Ou melhor qualidade na performance, sem pressa, é melhor do que fazer rapidinho, tipo, com ansiedade. Se é que você me entende”, finalizou Luis Fernando.

Luís F. Xavier

Marcelo Ramthum trabalha no CRTV da UCB, no chão Kaffé observa.

O Cosmo Ainda Queima

Leonardo de Moura

Que os *Cavaleiros do Zodíaco* retornaram com força nos últimos anos, todos sabem. Basta ver a repercussão da tão aclamada *Saga de Hades*, que os fãs tiveram que aguardar quase quinze anos pra ver nas telas, e teremos uma boa noção de como eles continuam cativando antigos e novos fãs. O que poucos sabem, porém, é da verdadeira extensão da história dos Defensores de Atena que somente agora o criador dos lendários heróis, *Masami Kurumada*, começa a desvelar aos poucos para o público. Como são muitas informações, vamos tentar estabelecer uma linha cronológica, numa espécie de "resumão" das sagas antigas e novas, a fim de que ninguém misture as histórias.

Para quem nunca ouviu ou leu nada mais detalhado sobre eles, aqui vão alguns dados importantes: os cavaleiros, seguidores da deusa grega Atena, utilizam armaduras feitas do material correspondente ao seu grau de poder (Bronze, Prata ou Ouro), e vivem para combater as forças malignas que tentam se apoderar da Terra, especialmente Hades, o senhor do mundo inferior. É ao redor desses combates contra Hades que toda a mitologia dos Cavaleiros se desenvolve, numa interligação de detalhes e fatos impressionante, como pouco se viu até hoje em sagas modernas. Muitos detalhes desconhecidos da maioria dos fãs a respeito desse "período oculto" dos cavaleiros da época mitológica podem ser encontrados no "Hipermito", uma história que não existe no mangá ou no anime, mas que foi publicada no Japão como forma de complementar muitas lacunas da saga dos defensores de Atena. Para mais detalhes, consulte www.cavzodiaco.com.br, na seção "Hipermito".

A última guerra santa entre Atena e Hades, desencadeada quase 250 anos antes da saga original dos Cavaleiros, teve um saldo trágico, restando apenas dois sobreviventes: os cavaleiros de Ouro Shion de Áries e Dohko de Libra. Isso era tudo que se sabia até agora, pois Masami Kurumada resolveu contar essa história em detalhes não apenas em uma, mas em DUAS séries inéditas, produzidas em mangá. *Lost Canvas*, escrita por ele e desenhada pela mangaká Shiori Teshirogi, mostra esta batalha sob a ótica de Tenma, o Cavaleiro de Pégaso daquela época, e seus amigos *Aaron* (ou "Alone", na tradução de alguns fansubbers brasileiros) e *Sasha*, a encarnação de Atena daquele período. Belamente ilustrada, essa história é repleta de ação e está apenas em seu segundo volume tankohon (200 páginas) no Japão. O outro lado da história, sob a ótica de Shion e Dohko, aparece no mangá *Next Dimension,* cujo texto e arte ficaram aos cuidados do próprio Masami Kurumada. Até agora, pouco se sabe sobre essa história por aqui (até mesmo porque os fãs brasileiros estão mais interessados em *Lost Canvas*, que tem mais detalhes e é melhor

desenhada), mas pode-se conferir nela fatos interessantes, como o primeiro encontro de Dohko com seu futuro discípulo Tenma, interligando intimamente as duas novas sagas. Ambas podem ser encontradas em português graças a fansubbers que estão fazendo de tudo pra disponibilizá-las via internet, já que ainda não há previsão de chegada desses mangás em versão brasileira.

Episódio G e Saga de Hades

Um outro que apresenta fatos inéditos para os fãs é o chamado *Episódio G*, que leva esse nome por focar especialmente os cavaleiros de ouro. Essa história, passada sete anos antes da saga de Seiya e cia., conta a luta dos guerreiros dourados contra o deus Cronos e os Titãs. Incidentes inusitados são revelados aos leitores, como, por exemplo: quem foi um dos responsáveis pela corrupção de Saga de Gêmeos; como funciona realmente o Santuário; qual o caráter e o verdadeiro poder dos cavaleiros de ouro; o que realmente aconteceu aos irmãos *Aioros* de Sagitário e *Aioria* de Leão. Novamente, Kurumada é o escritor, mas o artista responsável pela série é Megumu Okada, com seu inconfundível traço ricamente detalhado e sua caracterização por vezes andrógina dos personagens. Repleta de ação, esta saga é publicada no Brasil pela Editora Conrad (a mesma que lançou o mangá original no Brasil em 2000), e atualmente está no décimo volume. Curioso citar que eles (todos em formato tankohon) saem no Brasil logo após a publicação no Japão, então a série demora, em média, quatro meses para ter um nova edição em bancas. Mas a qualidade da história e da arte é tão boa que compensa a demora.

A *Saga de Hades* foi originalmente criada para ser o grande encerramento das aventuras originais dos Cavaleiros. Após ser lançada em mangá, demorou ainda cerca de 15 anos pra ganhar sua versão nas telinhas, devido a divergências entre o criador Masami Kurumada e a Toei Animation, produtora do anime. Isso gerou grande expectativa nos fãs do mundo inteiro, que por muito tempo esperaram para ver o final da saga de Seiya e dos outros Cavaleiros de Bronze em versão animada. A expectativa foi ainda maior entre os fãs de fora do Japão, devido ao fato de que em muitos países os Cavaleiros do Zodíaco eram conhecidos apenas em anime, e não em mangá. Os brasileiros, por exemplo, só conseguiram conhecer o final da história quando a Editora Conrad publicou a versão nacional da Saga de Hades em mangá, entre maio de 2003 e janeiro de 2004. O anime só foi lançado em 2004, não para exibição na TV, mas como OVA (Original Vídeo Animation). Já existente no Brasil em DVD, não há previsão exata sobre quando essa saga será encerrada em sua versão em anime.

Por fim, devemos destacar o OVA *Saint Seiya: Tenkai-hen josô Overture*, conhecido no Brasil como *Cavaleiros do Zodíaco: Prólogo do Céu: Abertura*. Lançado no Japão em 2004 e no Brasil em 2006, esse filme foge ao padrão de tudo que já se viu antes sobre os defensores de Atena em termos de animação. Com cenários altamente definidos e claros e trilha sonora marcante, *Prólogo do Céu* apresenta aos fãs o que aconteceu com Atena e os Cavaleiros após a luta contra Hades. Os inimigos, dessa vez, são Ártemis e seus Cavaleiros Celestiais. Além de muita ação, o novo capítulo da história dos Cavaleiros levanta questões intrigantes que não são respondidas no filme que termina em aberto com a intenção óbvia de que haja uma continuação. O que ainda não se sabe é se ela ocorrerá em outro longa metragem ou numa nova série televisiva, mas fãs do mundo inteiro apostam mais na primeira opção.

Assim, com tanta coisa sendo lançada ao mesmo tempo, não é de se estranhar que a febre dos Cavaleiros do Zodíaco tenha se acendido de novo com tanta força. E quem sai ganhando com isso são os fãs, é claro. Se você é um novo admirador da obra de Kurumada, já pode ter uma idéia de quanta coisa ainda há por aí. E se é um antigo fã (como eu), pode se divertir novamente vendo quanto cosmo os Cavaleiros de Atena ainda têm a queimar.